

Título: Indústria encara desafio de formar jovens inovadores (2) - **Data:** 21/05/2013 -
Veículo: Diário Catarinense
Página: 14 - **Editoria:** Economia - **Cidade:** Florianópolis

ENTREVISTA Marcos Antônio Magalhães Presidente do conselho da Philips e do Instituto de Corresponsabilidade Pela Educação

“Precisa-se de um trabalhador que tome decisões”

Convidado para palestrar hoje, às 10h40min, na Fiesc, Marcos Antônio Magalhães é defensor do ensino médio como o período de qualificação que mais influencia no futuro do profissional. Confira, a seguir, trechos da entrevista que ele deu para o DC por telefone.

DC – Como as indústrias podem investir no aperfeiçoamento profissional dos funcionários?

Magalhães – O desafio e o problema acontecem antes da chegada do candidato. Hoje, o esforço que a indústria tem de fazer na formação do pessoal transcende a formação específica daquela força de trabalho. É por que isto? Porque os jovens que buscam trabalho, em geral vindos do ensino médio, têm formação extremamente baixa. Costumo dizer que a cada dia a empresa mais parece uma escola e a escola tem de parecer com uma empresa.

DC – Aqui em SC, 50% dos funcionários da indústria tem escolaridade básica. É nas empresas que eles começam a se qualificar?

Magalhães – Isto tem reflexos enormes. Por exemplo: a produtividade do trabalhador brasileiro está estagnada em bases relativas aos países concorrentes há quase 50 anos. Não é que não avançamos, mas os outros avançaram mais do que nós. Isso está muito associado à escolaridade do funcionário, porque mais e mais se precisa de um trabalhador que raciocine, que tome decisões no seu posto de trabalho.

DC – E a produtividade, afeta a competitividade e a inovação?

Magalhães – É uma sequência lógica do processo. O que todo país almeja é equidade social, ou seja, que todos tenham uma boa qualidade de vida. Mas só chegamos nesta situação quando há desenvolvimento econômico bem distribuído. E este



OP/PIRELLA GÖTTSCHE LOWE

“

A produtividade do trabalhador brasileiro está estagnada em bases relativas aos países concorrentes há quase 50 anos. Não é que não avançamos, mas os outros avançaram mais do que nós.

desenvolvimento tem o pressuposto do desenvolvimento tecnológico e inovação. Na sequência, há outro pressuposto, que é conhecimento. E ele pede uma educação de qualidade. Quer dizer, quem não tem amparo na educação, não tem geração de conhecimento, nem inovação, nem crescimento econômico, nem equidade.

DC – Somos quase 80% menos produtivos do que os EUA. Qual a diferença na valorização da educação nos dois países?

Magalhães – Os EUA universalizaram o acesso ao ensino fundamental no país em 1850. Sabe quando universalizamos aqui? Em 1997. No ensino médio, que é o grande provedor para o mercado de trabalho, os americanos universalizaram em 1920. Até hoje, no Brasil, só conseguimos graduar 50% dos jovens nessa faixa. Esta diferença é a primordial.

DC – O que o senhor destaca como ação prioritária para o avan-

ço da educação no país?

Magalhães – Temos de melhorar substancialmente o ensino médio, de modo que se crie uma plataforma básica para os dois caminhos dos jovens: universidade e a formação profissionalizante. Esse segundo tem de vir de fora para dentro, ou seja, (entender) quais são as demandas de mercado – e aí a indústria tem um papel fundamental de orquestrar essa demanda – para que eu possa estimular os jovens e formá-los no que o mercado necessita.

DC – O senhor afirma que o mercado deve mostrar a demanda para o curso técnico. Por que excluiu o ensino superior? O próprio MEC quer fechar escolas de Direito porque o mercado está saturado.

Magalhães – Cursos de Direito precisam ser fechados (risos). O ponto é importante. O Brasil está com uma tremenda deficiência de engenheiros. Precisamos estimular o jovem a seguir carreiras científicas.